



IX Simpósio Nacional de História Cultural
Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo
1968 – 50 ANOS DEPOIS
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Cuiabá – MT
26 a 30 de Novembro de 2018

**A LITERATURA DE CORDEL COMO DOCUMENTO DA HISTÓRIA:
UMA ANÁLISE DOS FOLHETOS DE RODOLFO COELHO
CAVALCANTE E JARID ARRAES**

Rosana Maria P. B. Schwartz
Adriana Maria Gonçalves Chiaradia

INTRODUÇÃO

A Literatura de Cordel é tema que se impõem no cenário político e acadêmico, desde as últimas décadas do século XX, devido ao seu caráter popular distinto e engajado com a essência nacional.

No Brasil, desde o século XIX, românticos e folcloristas tratavam o popular, enquanto sinônimo de expressão de um povo. Românticos, por meio de um popular anônimo, reflexo da alma nacional e folcloristas, sob a influência das teorias positivistas, um popular idealizado. Ambos consideravam cultura popular como alimento necessário para a construção da nação.

Não obstante, foram os intelectuais das gerações de 1920 e 1930, que iniciaram as definições mais precisas e legitimadoras do que seria, ou não, o popular brasileiro. Seus questionamentos incitaram à necessidade de compreender o que é cultura popular. Para eles, é reduto da essência nacional, símbolo de resistência contra as invasões da cultura erudita estrangeiras, alimento da herança luso-afro-ameríndia e reveladora de questões sociais e políticas.

Se configurou como categoria de análise somente na década de 1960.

A manifestação popular literatura de cordel, se tornou foco das atenções, quando cresceu o entendimento, no meio acadêmico, de que ela se constitui um registro/documento, uma fonte da história, que perpassa pelas teorias da antropologia, história cultural e ciências sociais. Compreende não apenas em seus textos os contextos históricos de suas criações, suas múltiplas formas narrativas, como também, diálogos, significações e relações com a vida cotidiana. Ela ilumina, o campo da antropologia e da sociologia. Encaixa-se dentro dos estudos interdisciplinares.

Propicia abordar conceitos sobre as potencialidades das manifestações populares enquanto políticas, culturais e sociais.

O interesse sobre a literatura de cordel ou cultura popular tradicional, cresceu sobretudo, nos anos de 1970, quando surgem análises e ensaios sobre a temática popular na Europa, América do Norte e Brasil. Teóricos se voltaram, também, para as festas religiosas, os charivaris e carnaval. As fontes documentais eram diversificadas e o conceito foi se constituindo.

Este artigo, aborda a fonte literatura de cordel, material rico em significações. Por décadas, foi ferramenta encontrada pelas culturas populares, para se expressar, para comunicar, informar e formar. Ficou conhecida por este nome, pelo modo como eram vendidos os folhetos, inicialmente. Suspensos em barbantes, os folhetos manifestam – ainda hoje – o pensamento e o dia a dia do povo em poesia popular.

Na obra *Prefácio a Edição Italiana. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, o autor define a literatura de Cordel como “cultura imposta às classes populares” (CARLO GUINZBURG, 1976. p. 18)¹, ao se referir ao estudo feito por Robert Mandrou, que, por sua vez, definiu a literatura de cordel como “evasão”.

Essa literatura [...] teria alimentado por séculos uma visão de mundo banhada de fatalismo e determinismo, de maravilhoso e misterioso, impedindo que seus leitores tomassem consciência da própria condição social e política – e, portanto, desempenhando, talvez conscientemente, uma função reacionária. (CARLO GUINZBURG, 1976. p. 18)

¹ GUINZBURG, Carlo. Prefácio à edição italiana. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Na mesma obra, o autor traz outra percepção sobre a literatura de cordel. Guinzburg usa uma passagem da pesquisadora Geneviève Bollème, para retratar outro ponto de vista sobre o tema:

A pesquisadora viu na literatura de cordel a expressão espontânea (ainda mais improvável) de uma cultura popular original e autônoma, permeada por valores religiosos. Nessa religião popular, concentrada na humanidade e pobreza de Cristo, teriam sido fundidos, de forma harmoniosa, o natural e o sobrenatural, o medo da morte o impulso em direção à vida, a tolerância às injustiças e a revolta com a repressão. (CARLO GUINZBURG, 1976. p. 19).²

O Cordel chegou às terras brasileiras junto com as caravelas de Pedro Álvares Cabral.

Foram os portugueses que trouxeram a literatura para o país, embora esse tipo de literatura já fosse conhecida na Europa desde o “início no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que pela tradição eram feitos oralmente pelos trovadores”.³

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões etc., a literatura de cordel já existia, tendo chegado a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI.

Na península, a literatura de cordel recebeu os nomes “pliegos sueltos” (Espanha) e “folhas soltas” ou “volantes” (Portugal). (GONÇALO FERREIRA DA SILVA, 2011. p. 11).⁴

A literatura de cordel tem simplicidade na sua estrutura, prestigiando informações do cotidiano trazidas de forma clara, por meio de um vocabulário descomplicado. É escrito em forma de poesia rimada, o que facilita a assimilação da informação pelo leitor.

Esse tipo de literatura oportuniza aos homens e mulheres humildes a ocuparem a posição de autores e receptores desse conteúdo. É através do cordel, que pessoas com pouca instrução adentram ao universo das letras, seja escrevendo ou vendendo os folhetos, seja ouvindo ou decifrando a literatura. E é por isso, que a literatura de cordel

² GUINZBURG, Carlo. Prefácio à edição italiana. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 19.

³ MELO, Priscila. Literatura de Cordel. Disponível em www.estudopratico.com.br/literatura-de-cordel/. Último acesso: 21/04/2018.

⁴ SILVA, Gonçalo Ferreira da. Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. 5ª Edição. Editora Rovellet. 2011.

atravessa gerações. Ora com receitas de bolos, ora com acontecimentos políticos, econômicos e sociais. E ao escrever um cordel baseado em algum desses fatos, o escritor registra um momento, documenta uma época. E a partir daí as gerações vindouras têm conhecimento sobre os fatos narrados por outra ótica, sob o olhar dos cordelistas.

A diferença entre a notícia publicada nos jornais com as estrofes de um cordel está na inspiração do poeta. O primeiro é rico em informações sobre o caso, o último em poesia.

No entanto, mais do que rimar as palavras, o folheto traz nas suas estrofes o registro de um período. É um documento da história. “A literatura de cordel, por exemplo, nos leva a perceber algumas questões acerca da leitura de um texto literário com o olhar da história, podendo ser utilizado como fonte histórica”.⁵

Nesse sentido, o Cordel traz uma bagagem cheia de acontecimentos, envolto por um contexto social, e, por isso, tem muito a dizer sobre a sociedade. Seja por posicionamentos adotados à época ou sobre a ideologia de seus autores.

De modo que os cordéis possibilitam uma nova visão dos acontecimentos. Uma releitura da história feita por personagens reais e não por um mero retransmissor de conteúdo. Além do que, muitas das histórias retratadas na literatura de cordel, não estão nos livros didáticos, exemplo disso, são os cordéis de louvação, homenagem, bibliográficos etc.

E, por isso, “o folheto de cordel se transforma numa rica fonte de pesquisa para a História”.⁶

Para a sua análise, optou-se em trabalhar com métodos de Laurence Bardin e Vladimir Propp. Esses autores destacam que desde os últimos anos do século XIX, já existia a crítica aos que liam os textos com a preocupação de neles encontrar informações diretas, sem o cuidado de recriar mentalmente as operações que se deveriam ter processado no espírito do autor, na sua geração e temporalidade. É impossível sustentar que o sentido de um texto, sua dimensão discursiva e sua estrutura são sempre

⁵ NASCIMENTO, Mariane de Jesus. O Uso da Linguagem Literária no Ensino do História: Cordel. Artigo publicado no XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN. 2013. Último acesso em 16/10/2018.

⁶ NASCIMENTO, Mariane de Jesus. O Uso da Linguagem Literária no Ensino do História: Cordel. Artigo publicado no XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN. 2013. Último acesso em 16/10/2018.

imediatamente perceptíveis ao lê-lo. O documento não fala por si mesmo. Um texto-documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente. Ao debruçar-se sobre a literatura de cordel, deve-se atentar, portanto, para o modo através do qual se apresenta o conteúdo que se pretende examinar, quer se trate de uma simples informação, que se trate de ideias. O conteúdo que se pretende problematizar depende muito da forma do texto, vocabulário, enunciados, tempos verbais, etc. A linguística do discurso foi desenvolvida e ela se voltava para as estruturas. A análise estrutural das narrativas foi proposta especialmente por Vladimir Propp e Laurence Bardin. *Eles* expõem: O discurso pode ser analisado pelas significações – sintagmático – pela semântica ou pela semiótica que se ocupa da expressão das significações e de sua produção, ou seja, como se chega a significar alguma coisa. Pela Semântica o *corpus* do texto do documento (cordel) deve ser analisado: 1- as palavras temas ou palavras chave, 2 – as palavras base – substância do discurso, 3- O Tema - análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido. 4- Objeto ou Referente-Tema-eixo em redor dos quais o discurso se organiza. 5- o Personagem – Agentes Históricos – Papel, Posição Social, Familiar, Política, etc. 6- as palavras de baixa frequência ou de caracterização.

Estabelecido esse processo o pesquisador deve agrupar as palavras e verificar as relações entre elas e desconstruir discursos. Pela Semiótica Textual e Semiótica do Discurso o documento (cordel) deve ser analisado pelo seu significado. O discurso pode ser definido de diferentes modos: Como sinônimo da fala (uso contingente da língua e como sistema estruturado de signos); Como unidade linguística maior que a frases - sinônimo de mensagem; Como conjunto de regras de encadeamento das frases que compõem um enunciado; ou ainda como enunciado visto a partir das condições da produção – linguística Social.

RODOLFO COELHO CAVALCANTE E JARID ARRAES

Rodolfo Coelho Cavalcante nasceu em 12 de março de 1919, em Rio Largo, hoje Gustavo Paiva, no estado do Alagoas. É filho de Arthur Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante. No entanto, foi criado pelos avós até os sete anos de idade, e, por isso, aprendeu as primeiras letras com a avó “Belinha”.

O poeta estudou até a terceira série. Não conseguiu continuar os estudos por que precisou interromper a escola para trabalhar e ajudar a complementar a renda da família.

Na época Rodolfo vendia frutas, fazia fretes e tudo mais que pudesse render dinheiro honesto.

Aos 17 anos teve o primeiro contato com a literatura de cordel. Em 1936, fez seus primeiros folhetos rimados sobre acontecimentos do dia a dia. Vendia-os por um mil-réis em Moçambinho, no estado do Piauí. Em 1940 publicou oficialmente o primeiro folheto impresso, porém, sem capa, em Fortaleza. “O tema foi *A Morte de uma Meretriz, de um Poeta e de um Soldado na Praia de Iracema*”⁷. O poeta ganhou um saldo de “dois contos de réis” da venda de quatro mil folhetos dessa história. “Foi em 1942, nos anos da segunda Guerra Mundial, que começou seriamente sua carreira de poeta de cordel”.⁸

Coelho Cavalcante fundou três entidades trovadorescas de âmbito nacional – a Associação Nacional de Trovadores e Violeiros (ANTV), o Grêmio Brasileiro de Trovadores (GBT) e a Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel. Sete jornais – O Trovador Popular (1947); Serenata (1949); Patativa (1950); Cantor Baiano (1950); O Grêmio (1960); Brasil Poético (1975) e A Trova (1982). Realizou conferências no Nordeste e Sul do país, além de aproximadamente 200 festivais, tudo em prol da classe dos Poetas da Literatura de Cordel.

Rodolfo Coelho Cavalcante é, antes de mais nada, um importante poeta da literatura de cordel. Jornalista popular, com mais de quarenta anos de atividades e líder dos poetas de feira, é responsável pessoalmente pelo significativo aumento da projeção em escala nacional destes poetas humildes de raízes nordestinas. (MARK J. CURRAN. 1987. p. 9)⁹

Embora não exista um registro oficial, Rodolfo declara já ter escrito e editado mais de 1.700 folhetos ao longo de sua carreira.

Em novembro de 1985, o poeta foi premiado com a medalha Machado de Assis, o maior prêmio outorgado pela Academia Brasileira de Letras.

Setenta e dois anos depois do ano de nascimento de Rodolfo, nasceu Jarid Arraes. 12 de fevereiro de 1991, em Juazeiro do Norte, interior do estado do Ceará. A escritora

⁷ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

⁸ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

⁹ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

contemporânea, desde a infância, foi influenciada pelo avô e pelo pai, Abraão Batista e Hamurabi Batista, cordelistas e xilogravadores.

Aos vinte anos de idade, com a tecnologia à disposição, Jarid começou a publicar suas primeiras produções em um blog intitulado como “Mulher Dialética”. Não demorou muito e se tornou colunista da revista Fórum. A cordelista sempre se posicionou em seus escritos, sobre questões envolvendo Direitos Humanos, como direitos LGBT e movimentos de luta contra o racismo.

A escritora fez parte de coletivos regionais, em Juazeiro do Norte, como o Pretas Simoa e o FEMICA (Feministas do Cariri).

Em julho de 2015, Jarid Arraes publicou “As Lendas de Dandara”, seu primeiro livro em prosa e em edição independente que contou com ilustrações de Aline Valek. Em menos de 1 ano, a tiragem foi completamente esgotada e a obra foi republicada em dezembro de 2016 pela Editora de Cultura. O livro nasceu da necessidade de resgatar a história de Dandara dos Palmares, contada como esposa de Zumbi dos Palmares, e tem a proposta de misturar lendas e fantasia com fatos históricos sobre a luta quilombola no período da escravidão no Brasil.¹⁰

Além da obra “As Lendas de Dandara”, a escritora é conhecida pelos cordéis da Coleção “Heroínas Negras da História do Brasil em 15 cordéis”, escritos em que a autora resgata a biografia de grandes mulheres negras que marcaram a história brasileira.

A obra esgotou já no lançamento em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em abril de 2018, a poeta “lançou o selo literário Ferina, assumindo a posição de curadora”.¹¹

O primeiro livro de poesia da escritora, intitulado “Um buraco com meu nome”, foi lançado em agosto de 2018. As ilustrações da obra também foram feitas por Jarid.

CORDEL ENQUANTO DOCUMENTO DA HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DOS FOLHETOS DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE E JARID ARRAES.

Ao estudarmos a cultura popular, deparamo-nos com os estudos de Mikhail Bakhtin, filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e artes. Em suas pesquisas, Bakhtin dividiu as manifestações culturais em três grandes grupos: “as formas dos ritos e espetáculos (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, etc); obras cômicas verbais (inclusive as paródias) de diversa natureza: orais e escritas,

¹⁰ ARRAES, Jarid. Sobre mim. Publicado no <http://jaridarraes.com/sobre/> Último acesso em 16/10/2018.

¹¹ ARRAES, Jarid. Sobre mim. Publicado no <http://jaridarraes.com/sobre/> Último acesso em 16/10/2018.

em latim ou em língua vulgar; diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro (insultos, juramentos, blasões populares, etc)”.

Ao aprofundar-se na primeira categoria, o filósofo relaciona os festejos com o período em que eles acontecem.

As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades, em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de *crise*, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem. (MIKHAIL BAKHTIN, 1987. p. 08).¹²

Não é diferente com a literatura de cordel. Esse estilo literário sofreu, desde sua criação, algumas modificações estruturais, no entanto, a forma predominante nos dias atuais é a sextilha: estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas. O conteúdo que compõe as estrofes, transforma-se, de acordo com o momento em que o cordelista vive. O autor, ora faz reivindicações de cunho político, social ou econômico, ora busca conscientizar o leitor, e na maioria das vezes, usa de elementos factuais para compor o texto.

E nesse sentido, há uma significativa parte da produção literária de Rodolfo que se fundamenta em acontecimentos da realidade, seja ela local, nacional ou até mesmo internacional. São os “folhetos de época ou ocasião”. Eles retratam “acontecimentos de época, históricos, políticos, comentário social, religioso e econômico. É uma espécie de jornalismo popular, tema que já despertou o interesse de profissionais e teóricos da comunicação social do mundo acadêmico”.¹³

Na obra *A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel*, Curran traz uma passagem do jornalista brasileiro, Ricardo Noblat, que comenta sobre o fenômeno do “repórter-escritor”:

Existem dezenas de poetas populares no Nordeste que fazem um jornalismo muito parecido ao praticado na redação dos jornais: narram os principais acontecimentos da sua cidade, região, país e mundo; interpretam-nos; opinam sobre eles; refletem e ajudam a formar a opinião pública; integram à vida nacional comunidades que ainda não

¹² BAKHTIN, Mikhail. Introdução. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora da UNB, 1987.

¹³ CURRAN, Mark J. *A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

foram devidamente atingidas pelos veículos convencionais de comunicação. (MARK J. CURRAN. 1987. p. 215 e 216)¹⁴

Para Noblat, “o folheto de época é o jornal dos que não leem jornais. [...] Serve também de avalista das notícias publicadas em jornais ou transmitidas pelas emissoras de rádio, porque o eleitor, muitas vezes, lhe dá mais créditos”.¹⁵

Rodolfo, muitas vezes reflete a realidade baseado em outros meios de comunicação, mas acrescenta em suas estrofes, a visão do poeta sobre a realidade. Exemplo disso é o folheto “Os Resultados dos Cabeludos de hoje em Dia”.

Começou em Liverpool / cidade da Inglaterra / quando os Beathes resolveram / dar uma nova moda à terra / quatro rapazes unidos / com os seu cabelos compridos / começaram a fazer guerra. / Guerra a todos preconceitos / dos costumes de hoje em dia / a moda dos cabeludos / chegou até a Bahia / e assim o mundo inteiro / de um modo verdadeiro / aceitou essa anarquia [...]¹⁶

Era década de 60 no Brasil. Uma época de conflitos políticos, morais e ideológicos. “A censura mandava no Brasil e o meio artístico sentia seu efeito. Por outro lado, os militares também desempenharam o papel de protetoras da moral do país, seja religiosa, artística etc”.¹⁷

Rodolfo enxergava o regime militar na função protetora e o aceitou por vários motivos: “uma filosofia espírita religiosa oposta ao “materialismo” do inimigo ateu e comunista, uma convicção tradicional democrática que vinha do período dos anos 50, e talvez, mais importante, uma visão dócil como homem humilde do povo, acostumado a aceitar os que estivessem no poder”.¹⁸

Podemos dizer ainda que o poeta sofria um choque cultural de gerações. A década de 60 foi marcada pelo “modernismo” e revolução, intolerável na concepção de

¹⁴ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

¹⁵ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

¹⁶ Jequié, set. 1966.

¹⁷ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

¹⁸ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

Rodolfo. O resultado: reclamações contra o novo, “uma defesa nada incomum nem no cordel do Brasil, nem em qualquer literatura de raízes folclóricas”.¹⁹

São cordéis assim que revelam toda uma época. O escritor registrou o momento que o país vivia acrescentando à sua escrita sua ideologia, sua concepção de moralidade inerente ao momento na história. Não são fatos apenas, está envolto em um contexto social, traz elementos complementares e visões de quem viveu o momento. Ajuda na compreensão de atos justificados por comportamentos comuns à época. A História se recicla, se cria e se modifica. Neste sentido, Sandra Jatahy Pasavento diz:

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (PESAVENTO, 2003: 58-59)²⁰

Em um tempo diferente, mas trazendo uma carga social grande em sua escrita, está Jarid Arraes. Ela traz em seus poemas a mulher negra como heroína, forma incomum da que geralmente encontramos na literatura brasileira. Na maioria das vezes, representada com uma carga de erotismo e submissão. A autora, na obra *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, reuniu histórias de mulheres que lutaram por direitos iguais entre brancos e negros, em épocas em que não se falava em direitos a negros. Nas estrofes, ela conta os feitos das personagens, alinhados a história de vida de cada uma delas, finalizando com uma mensagem de conscientização, e às vezes, criticando o fato de nunca ter conhecido tal história, até o momento em que ela se dedicou a pesquisá-la, para produzir o cordel.

[...] Nas escolas não ouvimos / essa história impressionante / mas eu uso o meu cordel / que também é importante / para que você conheça / e não fique ignorante. / Que você também espalhe / isso que acabou de ler / para que muitas pessoas / tenham a chance de saber / quem foi essa Antonieta / como foi o seu viver. / Esse é o nosso papel / considero obrigação / para acabar o preconceito / para espalhar informação / destruindo esse racismo / e gerando inspiração. / Eu e todas as mulheres

¹⁹ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

/ neste verso agradecemos / esperamos que em frente / sempre juntas
caminhemos / e lembrando Antonieta / certo que nós venceremos [...]”²¹

As obras de Arraes, dialogam com aquilo que Edward Said trouxe em *Temas e Culturas de Resistência*. Para ele:

Escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo, portanto, trazem dentro de si o passado – como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado que tendem para o futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado do colonizador, como parte de um movimento geral de resistência”. (EDWARD SAID. 1995. p. 269)²².

Arraes, escritora cearense, jovem e negra, traz em suas estrofes um passado marcado pela luta, do qual ela busca resgatar as origens afro-brasileiras, de modo a não deixar as conquistas das protagonistas de seus cordéis e tantas outras que lutaram em prol de direitos iguais a caírem no esquecimento. Uma verdadeira aula de história envolvendo diversos aspectos de um fato e de uma época: escravidão, racismo e enaltecendo as lutas de uma personalidade do período escravocrata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento histórico não se dá através de um único processo de aprendizagem, pelo contrário, requer interpretação de diferentes fontes. Possibilitar a pesquisa em documentos históricos – sim, o cordel documenta toda uma época e, por isso, é um documento histórico –, pode transformar o conhecimento do aluno, do leitor.

Ao usar a literatura de cordel enquanto documento, o professor estará, de forma direta, evidenciando aos alunos que as visões e as representações contidas nos folhetos de cordel são condicionadas pela ideologia dos autores; ao mesmo tempo, oportuniza aos alunos o desenvolvimento da reflexão, da atividade crítica; por fim, o professor contribuirá, nesse contexto didático-pedagógico, para o que Rafael Ruiz chama de “edificar o próprio ponto de vista”, ou seja, o aluno, construindo conceitos, levantando problemas, estabelecendo relações

²¹ ARRAES, Jarid. *Heroínas negras Brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo. Pólen. 2017.

²² SAID, Edward. *Temas da cultura de resistência*. Cultura e Imperialismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

entre realidades (tempo/espço) históricas diferentes. (NASCIMENTO, 2005. p. 7 e 8)²³

No decorrer deste trabalho, nós apontamos alguns (poucos, bem poucos) exemplos de folhetos que podem ser usados como fontes históricas. Fica evidente a importância deste estilo literário para a compreensão de uma época, mas mais do que isso, a importância dessa literatura nos dias atuais, uma vez que as produções ainda são frequentes e abordam temas relevantes, “como, sugere o folheto, *Terror nas Torres Gêmeas*, escrito por Azulão (SLATER, 2003), ou também, os cordéis analisados por Mark Curran, sobre o fim do regime militar no Brasil (CURRAN, 1986)”.²⁴

No início os folhetos eram produzidos apenas com o caráter de entretenimento, mais tarde “passaram a ser considerados como o jornal do povo sertanejo”.²⁵ Quando os trovadores se preocuparam em “assinalar os acontecimentos com datas positivas, de dar a descrição dos acontecimentos com a mais perfeita autenticidade”.²⁶ E, diante desse fenômeno literário, desse documento da história, porque não usá-lo como fonte para o aprendizado? “A socialização e a aprendizagem do sujeito se processam à medida que ele se deixa modelar pela cultura do grupo, assimila seus significados, valores, normas e crenças na prática cotidiana. Ao lado da família, da escola, do trabalho, a religião ou a crença produzem cultura e integram, a seu modo, o processo de aprendizagem e socialização do sujeito”. (SOUZA NETO e TAVARES, ps. 4 e 5)²⁷

“A verdade é que, apesar das convicções pessoais, o poeta reportou, comentou e documentou a realidade política, econômica e social brasileira”²⁸, projetando a literatura

²³ NASCIMENTO, Jairo Carvalho de. Artigo: A Literatura de Cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. Publicado pela ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.

²⁴ LACERDA, Franciane Gama. Artigo: Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. Publicado em Dossiê História e Educação. Volume 7. 2010

²⁵ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

²⁶ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

²⁷ SOUZA NETO, João Clemente de. TAVARES, Ezaques da Silva. Artigo: Uma aproximação entre pedagogia social e a comunidade. Publicado em www.revistadepedagogiasocial.com.br.

²⁸ CURRAN, Mark J. A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

de cordel a nível nacional, de forma a ressaltar sua importância para a construção de uma identidade nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras Brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo. Pólen. 2017.

ARRAES, Jarid. *Sobre mim*. Publicado no <http://jaridarraes.com/sobre/> Último acesso em 16/10/2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Introdução. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora da UNB. 1987.

CURRAN, Mark J. *A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

GUINZBURG, Carlo. *Prefácio à edição italiana. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras.

LACERDA, Franciane Gama. Artigo: *Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula*. Publicado em Dossiê História e Educação. Volume 7. 2010

MELO, Priscila. *Literatura de Cordel*. Disponível em www.estudopratico.com.br/literatura-de-cordel/. Último acesso: 21/04/2018.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho de. Artigo: *A Literatura de Cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas*. Publicado pela ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina. 2005.

NASCIMENTO, Mariane de Jesus. *O Uso da Linguagem Literária no Ensino do História: Cordel*. Artigo publicado no XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN. 2013. Último acesso em 16/10/2018.

NETO, João Clemente de Souza. TAVARES, Ezaques da Silva. Artigo: *Uma aproximação entre pedagogia social e a comunidade*. Publicado em www.revistadepedagogiasocial.com.br.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINHEIRO, Hélder. LÚCIO, Ana Cristina Marinho. *Cordel na sala de aula*. São Paulo : Duas Cidades, 2001. – Coleção literatura e ensino ; 2

SAID, Edward. *Temas da cultura de resistência. Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

IX Simpósio Nacional de História Cultural
Anais do Evento

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro. 5ª Edição. Editora Rovellet. 2011.